

Encontro produzindo cuidado e vida – força fraca, vulnerabilidade, precariedade, cuidado brincante

“Viver é muito perigoso: sempre acaba em morte” (Guimarães Rosa, em Grande Sertão, Veredas)

Desse lugar privilegiado de escuta que eu habito de vez em quando, como psicoterapeuta (e na minha vida também), experimento que com frequência as interrupções desorientam e provocam outros movimentos.

Interrupções como sementes de pulgas atrás das orelhas, chamando o novo.

Interromper as narrativas desatualizadas sobre nós mesmas, as outras pessoas, o mundo, nossas relações. A interrupção incomoda. As vezes o incômodo é bem-vindo, às vezes (talvez na maioria das vezes), não é.

Serviço é diferente de servidão; o primeiro serve ao comum da vida, a segunda, a interesses particulares.

Força fraca - abrir mão da soberania como forma de serviço à vida: considerar a natureza (conversa do Dom com Alice em 26/10)

Pisar leve sobre a terra, deixar somente belezas atrás de si.

Vulnerabilidade como positividade, não como carência.

Provocação do Emerson: “Você pode escrever uma dissertação em platôs” – fui entender os platôs
Aceitei o desafio de inventar uma dissertação em rizoma: múltiplas entradas, múltiplas saídas – arte, poesia, narrativas, afecções, traçando uma cartografia das minhas desterritorializações e territorializações, sempre provisórias, do meu devir-pesquisadora. Derivas – trilha sonora para cada platô